



Crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto: a cidade e as letras

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira

Universidade Estadual do Centro

- Oeste - Guarapuava-Paraná

PALAVRAS-CHAVE: REPRESENTAÇÃO, CIDADE, CRÔNICAS, MACHADO DE ASSIS, LIMA BARRETO.

KEYWORDS: REPRESENTATION, CITY, CHRONICLES, MACHADO DE ASSIS, LIMA BARRETO.

As vozes aí se harmonizam, quando imitam a imagem da cidade no corpo dos habitantes, produto de um destino solar, mas têm antes de ler as sombras.
(Miguel Torga)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A cidade construída pelo discurso possibilita leituras e interpretações diversas. A relação dos intelectuais com a cidade é de fundamental importância. Desde o início do século, a cidade já aparece como temática inspiradora da literatura carioca. Machado de Assis e Lima Barreto buscam, no cotidiano da cidade e na vida anônima dos transeuntes, motivo para suas crônicas. A cidade textual resulta das formas de olhar a cidade real. A cidade real, por sua vez, dilui-se na voz dos artistas estabelecendo um jogo produtor de sentido que permite ver o invisível. A visão do artista induz a pensar o urbano como representação. Endossar esta postura implica, conforme Pesavento e Leenhardt (1998: 377):

Reconhecer que a cidade que temos e que, para nós, é real, na sua concretude e no seu cotidiano, comporta em si outras cidades que ficaram no caminho, realizadas ou não, no longo percurso do tempo a que chamamos História.

O Rio de Janeiro, visto pelo prisma literário, não é a representação mimética do real, mas sim um deslizamento de sentido. Os dados objetivos são reconfigurados mediante a um processo de intenção deliberada, ilusão de espírito ou manipulação.

Seria tarefa difícil à imaginação a aproximação de existências mais distintas do que as vividas por Machado de Assis e Lima Barreto. Segundo Faoro (1982: 416) : “O dado literário, na ordenação da sociedade, devem ser corrigidos e ajustados, confrontando-se a outras fontes”. Assim para erigir a metrópole textual, é essencial que se compare os dois escritores, para que se consiga uma visão mais abrangente da cidade de papel e tinta. A leitura da cidade, feita por Machado de Assis e Lima Barreto, permite a visualização de cidades outras, que convivem no espaço simbólico de um Rio de Janeiro que se modernizava. O mapa do Rio de Janeiro traçado por estes escritores, por meio das crônicas analisadas, foi confeccionado a partir de espaços simbólicos, carregados de conotações afetivas. Este conjunto dos ícones selecionados compõe o significante da cidade, cujos significados pedem para ser inferidos.

A CIDADE SUBTERRÂNEA DE MACHADO DE ASSIS

A cidade textual lida/escrita por Machado de Assis é construída literariamente com elegância, inteligência e espíritosidade. A arte suprema de dissimulação, o jogo de esquivas e despistamento de seus narradores, demonstram que Machado de Assis localizava as questões mais graves da vida nacional, com precisão absoluta, por detrás do discurso elegante e dos artifícios da sedução oratória. Machado explicita sua crítica não confrontando a elite, como Lima Barreto, mas lhe dando voz. O escritor de salão e da pilhéria inglesa, preocupado com as grandes questões da alma humana, aparece, nas crônicas, como um crítico ferino das iniquidades ocorridas na história do Brasil. Para Brayner (1982: 429), Machado :

Ao fazer um comentário de ordem social, trata o fato com uma tonalidade desconcertante, bipolaridade requerida por sua intenção estilística de inadequação entre a idéia e a expressão entre o significante apontado e a significação escondida, o que aumenta sempre a impressão de “descompasso” entre o mundo exterior e sua manifestação na subjetividade.

As crônicas de Machado vão construindo um discurso em que há dominância da ambivalência dialógica da verdade, esta dupla orientação textual – em direção ao objeto

e em direção do outro emissor— aciona um conjunto de recursos que força um projeto de ressignificação do objeto. As palavras, ao serem introduzidas no discurso da crônica machadiana, tornam-se impregnadas de uma carga intencional, em que o confronto é motivo de um humor comedido. Essa construção, baseada na bipolaridade, é sujeita a inúmeras variantes possíveis. Para se ler a cidade de tinta e papel, engendrada por Machado de Assis, é preciso captá-la nas dobras, por meio da interpretação das metáforas que nela se inscrevem (bonde, ruas, salões...). Esta cidade espera a ordenação para ser lida, pelas metáforas visuais é que se deve procurar ler a realidade nova, a da metrópole moderna. Leitor do social, Machado recupera uma sensibilidade da vida urbana de sua época, recolhendo aquele viés de amoralidade, que é vivenciado como integrante natural da vida de uma cidade moderna e em transformação. Ora descreve o provincianismo ingênuo, que é vencido pelas artimanhas de um viver social, cujas regras lhe são estranhas; ora é a exacerbação do culto das aparências e a supervalorização de títulos e cargos que são trazidos com realismo e ironia pela pena de Machado.

Diante da sobreposição dessas duas vias, surgem a cidade visível e a cidade subterrânea, implícita no discurso bipolar do Bruxo do Cosme Velho. Há uma mistura do discurso prosaico, de livre associação de idéias e o pensamento especulativo com a procura do sentido profundo dos acontecimentos, de modo que passa a expressar o arbitrário. O Rio de Janeiro, que se apresentava como moderno, é estampado nas notícias veiculadas pelos jornais, e registrado nas crônicas machadianas. Os acontecimentos que fervilhavam no Rio que se civilizava, a chegada dos bondes elétricos, a rua que se modernizava, a ida aos espetáculos, são temas que emergem nos comentários da *Semana*. No entanto, a produção textual de Machado está longe de uma adesão ao modo de ser e ao sentido do progresso. Ao lado dos simples comentários, esboça-se a dicotomia entre a essência e aparência, por meio dos fatos comentados engendra-se uma cidade que não se mostra à primeira vista. Ela se torna visível, à medida que o leitor verticaliza sua leitura e busca além do aparente, portando-se, dessa forma, como um arqueólogo, escavando em busca de um tesouro, no caso aquilo que não foi dito, mas sugerido por engenhosas metáforas. E assim, surge a cidade que não corresponde à cidade da superfície, confirmando as idéias de Meyer (1982: 357) que disse “Ser o sentido da superfície não correspondente ao existente em nível mais profundo”.

Nesse processo, pode-se desdobrar a sintaxe da superfície textual, fazendo as significações potenciais e afastadas se relacionarem e apontando para diferentes direções significantes. Por esse viés, é possível abrir pistas para suplementos e acréscimos, a partir das marcas deixadas na tessitura dos textos. Tal caminho possibilita examinar a exterioridade, os cruzamentos e as relações que constituem um texto, como superfície-plana, labiríntica e

vertiginosa. Assim, podem-se oferecer esboços do desenho da cidade, lendo-se textos que lêem o Rio e já são, pois, interpretação. Elabora-se, assim, interpretação de interpretação. A metáfora é, pois, uma estratégia que, sem perder o rigor, conjuga-se aos jogos de linguagem que possibilitam a passagem da metáfora ao conceito. Ela, a metáfora, deixa de ser apenas uma figura de retórica, para ganhar força operatória. Como atesta Angel Rama em *A Cidade das Letras*:

Desaparecidos os dados sensíveis, esses significantes da linguagem urbana, conquista-se o direito de redimensioná-los de acordo com as puras significações que se quer transmitir a quem não será outra coisa senão um leitor. Ainda este, desprendido dos vínculos reais, parece absorvido pelo universo dos signos. A vida arraigada a que estava acostumado se dissolve, é arrastada pelo movimento transformador que não cessa e sem dúvida perde pé; só pode se recuperar, só pode encontrar raízes analógicas, no mundo vicário que os signos constroem. (Rama, 1985:100)

Dessa forma, estrutura-se nas entranhas da cidade moderna, com todos os seus aparatos, uma cidade subterrânea que revela um Rio de Janeiro construído sobre um espaço ilusionista, um Rio que se civilizava sob patrocínio das elites aburguesadas, contrastando com seu padrão colonial, patriarcal e escravocrata. Daí surgiria a esdrúxula situação, que abriga, num mesmo país e num mesmo período, dois tempos distintos: o passado e o futuro, o atraso e a modernidade.

A CIDADE PALCO: UM ESPETÁCULO DE FACHADA

Lima Barreto faz com que a escrita pré-modernista encontre nas crônicas uma forma de modernidade da palavra que ainda não fora instaurada. É verdade que se apontam contradições na ideologia de Lima Barreto: o iconoclasta de tabus detestava algumas formas típicas de modernização que o Rio de Janeiro conheceu nos primeiros decênios do século XX: o futebol, o arranha-céu, e o mais grave, a própria ascensão profissional da mulher. Chegava, algumas vezes, a confrontar o sistema republicano desfavoravelmente com o regime monárquico. Segundo Lima: “Uma rematada tolice que foi a República. No fundo, o que se deu em 15 de novembro foi a queda do Partido Liberal e a subida do Conservador” (Barreto, 1961: 110).

O plano narrativo e o plano crítico de Lima Barreto têm como foco central a perspicácia e a inteligência como sua força atuante. No nível estético, também ocorre a coexistência de representação e espírito crítico. E qual poderia ser a linguagem desse cronista de subúrbio carioca? Bosi (1979: 95), assim responde: “O que parece espontâneo e instintivo em sua

prosa, na verdade é consciente e não raro polêmico”. Na cidade textual de Lima Barreto, prevalece o espírito de revide contra os poderosos, os proprietários de jornais, os fregueses, os políticos. No entanto, nas crônicas de Lima, influi sempre o espírito de humor das situações. Ele se mostra o tipo perfeito do analista social, mas uma analista de combate, não se limitando a mostrar os fundos da cena, o que vai pelos bastidores, toma partido, assinala o que há de falso, de mentiroso na linguagem dos outros, diferente de Machado de Assis que se esquivava de um julgamento direto. A cidade escrita por Lima é vibrante, nas crônicas, o autor se arma da mais terrível ironia, esta não possuía as delicadezas e intenções filosóficas de Machado de Assis, veladas pelo sorriso cético.

Na cidade textual barretiana, o Rio construído é restrito a subjetividade do autor, enquanto analista social, ele projeta o seu eu como foco de análise, polarizando, de certa forma, o ressentimento do autor, que nela se encarna, tornando-a a cidade a sua casa.

A cidade lida/escrita por Lima Barreto é construída por meio do traço crítico e direto direcionado ao progresso, de imediato, ele focaliza seu olhar para a cidade real. E vê o terrível ao lado do belo, o cômico somado ao trágico, a loucura em tensão com o lógico. Dessa forma, é revelada a cidade textual de Barreto. Embora Lima queira e esteja no coração pulsante da cidade, ele denuncia as mazelas que resultam da metamorfose da vida carioca a caminho de um cosmopolitismo identificado com o modelo parisiense. Sob o signo da desconfiança, mas rejeitando a nostalgia do campo, percebe a relação necessária entre a modernidade e vida urbana. Coloca-se, contudo, à margem da euforia e vê criticamente a gradativa perda da “experiência” – que vem da repetição do hábito, fora do reino do efêmero da cidade moderna. A experiência ligada às formas culturais da tradição é atropelada pelo projeto de modernidade autoritária do Estado, que afasta os cidadãos dos processos de decisão. Desse ponto de vista, Lima registra com ironia, a montagem do cenário para a representação da peça que dramatiza o entusiasmo desses tempos, surge, então, a Cidade-Palco. “De uma hora para outra, a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na cousa muito de cenografia” (Barreto, 1961: 106).

A cidade real engendrada por ele contrapõe-se a cidade ideal concebida pelos donos do poder, sob o lema positivista da ordem e progresso, apagando o passado identificado com o atraso. Em sua cidade, o cronista constata o jogo destruição/construção que anima a cultura do modernismo do século XX. As crônicas denunciam esta polaridade, acusam a desfiguração do Rio de Janeiro, resultado de projetos que destroem a imagem verdadeira, surgindo, então, a dimensão cênica da cidade. Seu trabalho foi o de tentar perscrutar a alma da cidade em sua superfície, tentar perceber como a própria superfície da cidade poderia

mostrar sua alma. Seu olhar aguçado perceberia logo a tentativa brasileira de, como num espetáculo, imitar o estrangeiro, em busca de se assemelhar a ele, para poder embarcar na tão desejada era do progresso.

Há, assim, um sentimento contundente diante das transformações, rápidas e radicais, que a inserção na modernidade exigia, implementando o novo, o futuro cosmopolita, e sepultando o velho, o passado. Mas que isso, Lima via nesse processo uma força de homogeneização cuja tendência seria a de destruir a identidade singularizada de uma cidade, suas características locais. Ele soube captar, como poucos, o ritmo frenético imposto pela vida moderna. Pegar o bonde do progresso era um exercício que, embora por vezes exercesse fascinação em nosso autor, representava um grande perigo: de o homem se tornar mera engrenagem.

A CIDADE ESCRITA: FACES DA MESMA CIDADE

Os estudos voltados à reconstituição da cidade pelo viés literário não fazem aproximações entre Machado de Assis e Lima Barreto, este fato parece fundar-se em uma leitura equivocada ou, no mínimo, limitadora, da obra de Machado; ao apostar todas as fichas do exercício de análise no caráter univocamente universal da ficção machadiana, universalidade que efetivamente existe, mas que, longe de unívoca ou se fundar em uma negação de seu tempo e sua história, extraía sua força e sentido, ao contrário de um equacionamento muito fino das contradições formativas da época.

Na verdade, Machado de Assis e Lima Barreto trataram, sim, de uma mesma coisa. Produziram suas crônicas, a partir de uma perspectiva crítica, lúcida e consciente do país em que viviam. A saber, dado o mesmo país, mesma cidade, mesmo tempo (com intervalo histórico pequeno) e a mesma trama de relações sociais, que se desenvolvem ao ajuste do pensamento sobre os problemas sociais. Ao se confrontar a cidade de Machado de Assis à cidade de Lima Barreto, chega-se a conclusão de que o Rio lido/escrito por estes cronistas possui vários pontos de similaridade, assim como o próprio processo de escritura, embora esta surja diante da diversidade de estilos.

A cidade subterrânea, que emerge no discurso machadiano, é equivalente à cidade-palco engendrada por Lima. A começar pelos aspectos referentes à questão do progresso social. A cidade lida/escrita nas crônicas de ambos é uma síntese de contradições da cidade colonial que entrava compulsoriamente na modernidade: peste convivendo com champagne, eleições gerais com queima de dinheiro, a República real com a República sonhada, o governo com o desgoverno. Tanto na cidade subterrânea quanto na cidade palco, pode-se

localizar, com precisão absoluta, a má-formação nacional. O que os diferencia é o processo de construção, enquanto em Machado a cidade-real se revela nas profundezas do texto, em Lima, ela se encontra na superfície textual.

O Rio de Machado tem como protagonista a própria elite, a qual o cronista dá voz, e é por meio do conjunto de sonhos, pelas aspirações e pelas angústias desta elite aburguesada que se levanta o mapa discursivo da cidade. Por detrás de um discurso elegante e sedutor, esconde-se uma crítica contundente sobre a cidade que se quer sobre a cidade que se tem. A cidade real, por onde circulava a classe popular, não cabia na versão da ordem, ela deveria estar fora da cena, para não manchar o cenário construído pelo hino das picaretas regeneradoras. Lima Barreto, então, procura desfazer este cenário e projeta para o discurso de suas crônicas imagens que desmancham a cenografia da cidade ideal.

Nesse ponto, ocorre a primeira similaridade, entre a cidade subterrânea e a cidade palco de Lima, ambas ilustram a construção do cenário do progresso, da mudança, mas igualam-no à barbárie travestida de civilização. O processo de demolição que se observa nesta fúria urbanística, é promovido pelo apagamento da memória urbana. O jogo destruição/construção é a polaridade que molda as crônicas destes escritores. A diferença ocorre na forma de abordagem da crítica, a de Machado se dá nas entrelinhas, no despiamento; já em Lima, segundo ele mesmo, não deve ficar implícita, em uma carta a Austragésilo de Ataíde, Lima Barreto escreveu: “Não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou me exalto” (Barbosa, 1988: 228).

Para a construção da cidade de papel e tinta, por meio das crônicas, tanto Machado de Assis como Lima Barreto lançam mão da ironia, instrumento, por excelência, de persuasão, a qual transforma a realidade com vistas à preservação dos interesses. Assim, Machado a utiliza para fundar um processo de grande tensão, gerando um texto polifônico, pois além da polêmica suscitada pelo narrador, percebe-se uma outra que denuncia a arbitrariedade, esse é o local fundador da cidade subterrânea. Pólvora (2004) escreveu que a ironia em Machado de Assis expôs, além do temperamento e caráter, toda uma filosofia de vida: evitar o confronto muitas vezes inglório. Em Lima, ao contrário, a ironia é forma de des-sacralização da linguagem literária, a fim de se aliar ao humor visual, construindo com a plasticidade das palavras, caricaturas em forma de textos verbais. Em ambos, a ironia é o lugar dos questionamentos acerca do processo civilizatório, instaurado na metrópole.

O mapa discursivo traçado pelos cronistas é “desenhado” por meio de uma linguagem singular. A escrita de Machado de Assis, em suas crônicas, revela-se importante como espaço literário da oralidade, que ele domina com mestria sem jamais cair no vulgar, isso já

foi observado por Coutinho (1985), esta oralidade vai propiciar uma flexibilidade lingüística necessária ao jornalista sem jamais descambar para a transcrição direta do falar do carioca do final do século XIX. Entretanto, pode-se perceber expressões que fazem parte da época vivida pelo cronista. Numa época em que dominava o vernaculismo lusitano, Machado, apesar da convivência com os clássicos portugueses, soube ser fiel à língua, não deixando de lado ao aspecto renovador que a fala popular traz junto consigo. Para Matoso Câmara Junior:

A linguagem coloquial oral se aproxima ao nível do narrador, para transmitir a situação lingüística ao seu leitor implícito. Deve-se assinalar que a escolha da perspectiva narracional muito colaborou para este caminho dentro da oralidade: é a uma certa imagem de leitor que se dirige, em cujo repertório lingüístico instala sua situação comunicativa. (Câmara Jr, 1962: 135)

A oralidade em Machado é controlada, por ser ele um exímio conhecedor da norma culta, assim ele a utiliza como recurso estilístico, sempre voltado para a tensão narrador-leitor.

A linguagem de Lima Barreto atravessa o código realista, não tem erudição, não tem citação, não tem personagem da rua falando como doutor. Todos ali, inclusive o narrador, falam do mesmo jeito, a linguagem a todos níveis. Chama muito a atenção, quando se lê a obra do Lima Barreto, a atualidade desta obra não só em termos de linguagem. Ele escrevia numa linguagem bastante acessível, bastante próxima até da oralidade. Linguagem pela qual ele foi muito criticado pelos seus pares e intelectuais da época. Compreendendo precocemente que a linguagem e a gramática se tornam instrumentos da opressão e dominação de classes. Foi por isso, e por alguns pequenos descuidos em suas obras, que os adversários o acusaram de desleixado, quando na verdade ele rompeu voluntariamente com os representantes do linguajar vernáculo. O combate a tal tipo de linguagem seria retomado pelo Modernismo. Lima Barreto chegou primeiro, então, não só por essa linguagem, mas também pelos temas de que ele trata e pelo modo como ele os trata.

O que os une, então, no que se refere à utilização da linguagem? Ambos escrevem a cidade usando a língua de uma forma mais desvinculada do academicismo vigente na época. Optam por cativar o leitor, ou seja, pretendem apreendê-lo nas malhas textuais, por meio de uma linguagem de fácil entendimento. Trazem o tom da conversa, a oralidade, a proximidade do narrador, aproximam-se do leitor como de um ouvinte-cúmplice, a quem se conta uma anedota ou com quem se descobre o sentido inusitado de um acontecimento prosaico.

O Rio de Janeiro foi o microcosmo de análise para a reflexão de Machado de Assis e de Lima Barreto sobre o Brasil. A tensão entre local x universal, localizada no cerne da identidade nacional, foi captada pelos escritores em suas visões críticas sobre a elite cultural

do país. Esta tensão é revelada pela cidade onde viviam. Cidade que apresentava enormes desigualdades sociais e relações de poder profundamente enraizadas na vida nacional. Dessa forma, o Rio de Janeiro que concentrava e potencializava estes problemas, funcionou como uma síntese ou microcosmo do Brasil.

Ambos os escritores, escreveram sobre a modernidade que chegava ao Rio de Janeiro da *Belle Époque*, com todas as suas contradições estimuladas pelo desabrochar da sociedade burguesa, num país de herança colonial e escravista. Em suas crônicas, há o registro das metas governamentais para se transformar o Rio de Janeiro numa Paris tropical, traduzindo as intervenções urbanas de Haussmann, na França, para o contexto nacional, além disso retratam o Rio convulsionado pelas picaretas e derrubada do velho casario que deveria se transformar em um cartão postal do Brasil e não mais terra de negros e doenças, onde navios passavam ao largo, mas uma urbe bela e agradável, à vista e à vida. De Machado de Assis a Lima Barreto, as crônicas atestam a mudança da cidade, em nome do progresso e do seu desabrochar como metrópole.

À cidade subterrânea junta-se a cidade palco, elas nascem a partir das crônicas produzidas por Machado de Assis e Lima Barreto. Não são, como até então se acreditava, faces distintas do Rio que se modernizava, ao contrário, são leituras literárias do Rio que se complementam. Pelo olhar machadiano, a cidade aparente vai se mostrar encoberta por camadas que dissimulam sua verdadeira face, o discurso gerado, à primeira vista, saúda o progresso e suas novidades, no entanto, como já visto, critica duramente a elite que adotava o mito parisiense como referência emblemática da modernidade. Para se chegar a visualização desta cidade oculta, é necessário percorrer as pistas sutis, partindo da cidade da superfície, deixadas pelo Bruxo do Cosme Velho e se lançar à escavação, para se chegar a cidade que se encontra nas dobras de suas crônicas.

A visão barretiana projetada sobre o Rio de Janeiro elege, também, o viés de tendência cosmopolita, para construir sua crítica sociocultural. Indicando como ele vê a capital da República na *Belle Époque* carioca. Nesse sentido, a cidade escrita de Lima Barreto se traduz pela falta de sutileza de quem tenta explícita, ressentida e desesperadamente denunciar a podridão social. Quebra uma tradição que vinha se impondo em nossa literatura, graças talvez ao alcance da obra machadiana, da comicidade irônica, à inglesa, que, se também desvendava de maneira magnífica a falsidade do ser humano, prestava-se ao jogo de cena do mundanismo belle époque. A cidade-palco projetada por ele, é engendrada na superfície do texto, o escritor constrói, por meio de seu discurso, a idéia de cidade espetáculo, em cujo palco trafegavam doutores e desempregados, almofadinhas e capoeiras, a elite e o subúrbio, enfim uma sociedade altamente bipolarizada. Por meio de suas crônicas, ele

traça o mapa literário-cinematográfico do Rio de Janeiro, nada mais adequado que imagens cinematográficas para registrar o discurso de uma cidade também fragmentada. O processo de modernização por que passa o Rio de Janeiro da virada do século aprofunda diferenças criando duas cidades dentro de uma só. As duas cidades se hostilizam: de um lado a capital da Belle Époque tropical de costas para a realidade do país, de outro a cidade que incomoda e assusta. Lima ironiza a pretensão da primeira trazendo à tona a existência da segunda. Quando se refere à cidade, estende sua crítica aos que nela vivem e vai buscar nas contradições da modernização a inspiração para suas crônicas, demonstrando sua recusa pela homogeneização de valores da sociedade.

Assim, ao se unir a cidade textual lida/escrita por Machado à cidade de Lima, transita-se por entre dois espaços, por um lado acompanhamos o cronista do sutil e do elegante, e por outro o que traz à tona o que se tenta esconder, a união destas cidades revela as múltiplas faces de um Rio que se civilizava.

De um jeito ou de outro, as obras destes cronistas revelam aos seus contemporâneos o que só o *flâneur* em suas perambulações pela cidade podia captar, e, ao ultrapassar o tempo, deixa como legado uma fonte riquíssima sobre aspectos da vida social da *Belle Époque* carioca. Seja com ironia fina, ou pela crítica mordaz, revela-se a articulação de uma sociedade em um momento de muitas mudanças.

Reconstituir a história, a partir destes textos, é buscar uma visão mais próxima dessa sociedade num momento de visíveis transformações. Sem perder de vista, o fato de que toda construção da temporalidade traz em si a subjetividade da seleção e da interpretação. A pesquisa, enquanto a mediadora desta reconstituição, funciona como uma lente de aumento, que permite ver mais de perto, através dos olhos dos cronistas, um Rio escrito a quatro mãos.

As leituras das crônicas escritas por Machado e Lima possibilitaram a exposição da cidade em seu aspecto fragmentar, é desse modo um recorte vivo do cotidiano carioca, não ocultando as contradições vividas no bojo da modernidade.

Machado de Assis, mais do que qualquer outro que anteriormente tenha ocupado este espaço nos folhetins, é quem dá legitimidade literária ao gênero, tornando sua escrita de cronista tão pessoal que, ao final de sua atuação como jornalista, abandona e não mais assina, certo de que nem a posteridade teria dúvidas sobre a autoria. Machado revela, em sua crônica, um desconforto em face dessa nova situação, que faz contrastar a cidade colonial com as primeiras tentativas de modernização do Rio, fixando a atenção no que se poderia chamar a natureza do caráter social revelado pelo contexto carioca. Para dar força maior a sua visão, o Bruxo de Cosme Velho faz uso da difícil e nobre arma do discurso

lógico: a ironia. Arma também usada por um seu contemporâneo e conterrâneo, irmão de forças, igualmente ilustre, mas muito menos em voga: Afonso Henriques de Lima Barreto.

Na verdade, o cepticismo de Machado de Assis, dissociado da visão esperançosa de transformação, poderíamos dizer até indiferente, casa-se perfeitamente com a ideologia proposta pelo pós-modernismo, mas não é o que nos apresenta respostas ou propostas futuras para uma literatura que interaja com nossas questões e problemas conjunturais ou estruturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A renovação urbana carioca obedeceu àquele traço nacional já apontado: espelhou-se no mito parisiense, modelo paradigmático de cidade moderna e aprofunda um sentido emblemático e metonímico. As modificações do Rio serão assinaladas nas crônicas de Machado de Assis e segundo Pesavento (2002: 171):

Pode-se dizer que Machado não se sentia à vontade no Rio que mudava. Não se trata de uma nostalgia piegas, nem uma recusa obstinada ao progresso, mas uma crítica à forma pela qual as alterações do velho Rio se conduzem, nos novos tempo republicanos.

Assim, observa-se que o narrador machadiano, nas crônicas, elege como temática, a questão social de seu tempo e de seu espaço, entretanto, parte da contingência para tratar de discussões que transcendem as páginas meramente do fugaz, ao assunto tratado de consumo imediato. Inserido no contexto das reformas urbanísticas, o cronista capta a dinâmica do funcionamento da sociedade, demonstrando a ambição de se arrancar do seio da capital, que se modernizava, tudo que lembrasse o execrado regime imperial, inoperante. Entre a ordem e a desordem, o progresso e a tradição, o cronista oscila: a mudança é uma ameaça enquanto perda de referências, mas é também necessária, sem o quê certos defeitos e vícios tenderiam a permanecer.

Machado demonstra em suas crônicas de *A Semana* quanto a vida privada do brasileiro, colocava-se dicotomicamente entre o passado e presente, devido à aceleração da vida apreendida pela República. Os indivíduos deveriam desamarrar-se dos modos provincianos e das sociabilidades que os ligasse ao passado colonial. Dessa forma, europeizar-se significa ser moderno. As regras e os jogos sociais, que se desenvolviam nesse novo cenário de incipiente modernização, refletem a tensão entre o velho e o novo. O texto machadiano opera uma revisão do sentido do progresso. As crônicas de Machado traduzem tanto uma representação do urbano que revelam a sedução pelo progresso, quanto uma leitura metafórica do processo de modernização. Este binômio progresso-tradição não se apresenta como excludente e sim

acontece de forma combinada, num cenário em que havia uma exacerbação da tendência progressista, que se configurava como aspecto central para a definição do novo padrão de identidade da nação. O autor consegue olhar, como se fosse de fora, para a realidade nacional, ele capta os contrastes da cidade no momento em que ela se fortalecia como metrópole.

O gênio de Machado foi imortalizar a cidade sem idilizá-la; muito menos, sem lhe sair apontando de dedo em riste os contrastes já então agudos, como entre a “gente da praia” e a “gente do morro”. O Rio de Machado é oblíquo; pega a vida nas travessas, não nos amplos espaços públicos da *Belle Époque* tropical.

Lima Barreto não produziu obra tão extensa quanto Machado – não viveu tempo suficiente para isso, nem desfrutou da paz conveniente para o sucesso total de sua empreitada. Vivendo às últimas conseqüências, os tênues limites da vida e da morte, da esperança e do desespero, da fé e do descrédito, é a palavra escrita, na narrativa ou na ficção, que lhe permite revelar as formas abertas e veladas assumidas pelo preconceito, em suas intrincadas interconexões econômicas e sociais; por essa razão, não parecem corretas interpretações a respeito da vida/obra do escritor, onde predominam fatores de ordem individual e familiar, em prejuízo das circunstâncias que o teriam tornado, segundo parte da crítica literária, “desadaptado” ou “desajustado”. O Rio de Janeiro, no início do século, torna-se uma cidade, ao mesmo tempo, mercadoria a ser real e potencialmente valorizada e, para os seus habitantes, objeto de consumo. Lima Barreto protestou contra o projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro, denunciando que a cidade moderna, que então se construía, estava sendo erguida à custa da destruição do que já existia e da expulsão da população pobre, que já não mais podia circular livremente pelo centro da cidade. Para o cronista as apreciações sobre as mudanças que se operavam no Rio de Janeiro da noite para o dia, resultava num espetáculo falso. A crítica observada nesta crônica diz respeito, particularmente, ao que se pode chamar de descaracterização da cidade e que se traduzia pelo artificialismo das mudanças, neste caso o cronista é uma referência explícita ao maquiamento da cidade feito pelo prefeito Pereira Passos, para Lima, Passos “civilizava por cima”.

O Rio de Lima é construído pelo lado avesso da imagem que se pretendia dar a cidade, uma imagem projetada no conjunto de obras promovido naquela ocasião, que não buscava somente o aspecto arquitetônico, mas também expulsar a população pobre do centro da cidade. O cronista não deixa de focalizar, seu olhar mais atento, a verdadeira formação heterogênea, pobre e mestiça da população carioca.

A cidade subterrânea de Machado de Assis e a cidade-palco de Lima Barreto cenarizam e grafam o Rio de Janeiro em sua multiplicidade de signos, na busca de decifrar o urbano que se situa no limite extremo e poroso entre realidade e ficção. A literatura tem papel

decisivo na transformação da cidade em fator estético, pois as imagens construídas pela literatura, da cidade, transformaram-se em repertório da própria cidade pelas mãos dos leitores. Ou melhor, as imagens ficcionais da cidade se transformaram numa chave a des-trancar os insondáveis mistérios de uma cidade, que não se revela à simples observação.

Ambos tornam inteligíveis e aceitáveis os acontecimentos cotidianos, excluídos do discurso generalizante da ciência. Trazem o tom de conversa, a oralidade, a proximidade do narrador oral para dentro do texto jornalístico, aproximam-se do leitor como de um ouvinte cúmplice a quem se conta uma anedota ou com que se descobre o sentido inusitado de um acontecimento prosaico.

Machado de Assis assume uma máscara. De uma forma irônica, afasta-se do cotidiano, libertando os fatos corriqueiros da banalidade, da indiferença ou da pretensa naturalidade da mera informação. Por associações inusitadas, revela o estranho entranhado na banalidade do cotidiano. Pela percepção de uma semelhança inusitada, o olhar irônico do cronista leva o leitor a desconfiar das panacéias ou emplastos capazes de curar nossa melancólica humanidade.

Lima Barreto cria uma nova forma de escrita ao mimetizar o cinematógrafo. Ele não revela o estranho escondido na prosa da vida, pois mostra como anormal é uma expressão prevista no cotidiano de qualquer grande metrópole. Como quem diz *a vida é assim*, torna-se guia e leva o leitor pela mão para mostrar a realidade arcaica, enfim, o mundo das ruínas presente no Rio de Janeiro moderno. Lima perde o distanciamento, vai para a rua, mergulha no basfond metropolitano e estetiza a miséria, a violência e o primitivo. Desfocado, crê falar do Rio metropolitano e mostra a permanência de padrões coloniais e patriarcais regressivos.

Machado de Assis e Lima Barreto foram alguns dos que, ansiando por desvendar o funcionamento da sociedade, compreenderam que deviam debruçar-se sobre a “janela” de onde escreviam e encarar a cidade, estabelecendo um fluxo entre o devaneio pessoal e intransferível e o bulício das ruas. Exclusão, progresso, construção, apagamento, subter-râneo, cenário, são imagens literárias cabíveis para nomear a cidade do Rio de Janeiro em processo de urbanização ao longo dos séculos XIX/XX. Nestes escritores, o Rio se mostra uma cidade inacabada, sempre submetida à demolição em nome do progresso, do moderno, que pode, no entanto, ser apreendida ora na profundidade, ora na superfície das folhas de seu livro de registro. Neste livro, estão assentados textos que oferecem leituras parciais da cidade, sem tentar reconstituí-la em sua totalidade. Outras leituras derivadas daí procedem por cortes, seleção de fragmentos, aproximando tempos e espaços diversos. Por essa estratégia discursiva, engendra-se uma leitura desses destroços, como um andarilho, ou

um simulacro de flâneur, que percorre esse Rio de Janeiro feito de textos, de papel e tinta. Desenhando esboços, sempre provisórios, em tons diversos. Modos de leitura completam-se, suplementam-se, chocam-se, contradizem-se na cena da escritura.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de (1985). *Obras Completas*. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v.3.
- (1994) *Crônicas Escolhidas*. Sel. e introd. de Fernando Paixão. São Paulo: Ática.
- (1942). *A Semana*. Org. W. M. Jackson Inc. [s.l: s.n].
- (1996). *A Semana: crônicas (1892-1897)*. Org. John Gledson. São Paulo: EDUSP.
- BARBOSA, Francisco de Assis (1988). *A vida de Lima Barreto*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: INL-MEC.
- (1961). *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense.
- BRAYNER, Sônia (1979). *Labirinto do Espaço Romanesco*: Brasília: Civilização Brasileira.
- (1982). "Metamorfoses Machadianas". In BOSI, Alfredo et. al. (org.). *Machado de Assis. São Paulo: Ática, 426-437*.
- BOSI, Alfredo (1979). *O Pré-Modernismo*. 3. ed. São Paulo: Cultrix.
- CÂMARA JR, Matoso (1962). *Ensaio Machadiano*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- CANDIDO, Antonio (1985). *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- (1992). "Conversa ao rés do chão". In *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP.
- COUTINHO, Afrânio (1971). "Ensaio e Crônica". In *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 105-128. v.6.
- FAORO, Raymundo (1982). "O Espelho e a Lâmpada". In BOSI, Alfredo et. al. (org.). *Machado de Assis. São Paulo: Ática, 415-425*.
- GLEDSON, John (1986). *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HOUAISS, Antônio (1961). "Prefácio". In Barreto, Lima. *Vida Urbana*. São Paulo.
- MAYA, Ivone da Silva (2004). "A Vida nos trilhos: Literatura, Bonde e Sociedade". *Revista Brasil de Literatura*. Disponível em: <<http://www.members.tripod.com/lfilipe/bonde.htm>>. Acesso em 22 de Outubro de 2004.
- MANNHEIN, Karl (1982). *Sociologia*. Org. Foracchi. São Paulo: Ática.
- MEYER, Augusto (1982). "O romance machadiano: o homem subterrâneo". In Alfredo Bosi et al. (org.). *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 357-363.
- PESAVENTO, Sandra J. (org.); Leenhardt, Jacques, (org.) (1998). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: UNICAMP.
- RAMA, Angel (1984). *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense.
- RESENDE, Beatriz. Lima Barreto: "um grito brasileiro". *Mestres da Literatura*. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/Mestres>>. Acesso em 19 de setembro de 2004. Entrevista.

RESUMO

A pesquisa pondera as relações entre literatura e experiência urbana, sob esta perspectiva faz-se o levantamento das representações da cidade do Rio de Janeiro. O trabalho tem como objeto central a análise das crônicas produzidas por Machado de Assis e Lima Barreto. O estudo destas crônicas considera além do enfoque literário, a configuração histórica e o forte apelo jornalístico deste gênero, que até pouco tempo, era desconsiderado pelo cânone literário. Por meio do desvendamento da floresta de símbolos que é tecida no seio da modernidade, emergem a cidade machadiana e a cidade barretiana.

ABSTRACT

This article discusses the relationships between literature and urban experience and provides a survey of the representations of the city of Rio de Janeiro. It aims to analyse chronicles produced by Machado de Assis and Lima Barreto. The study of these chronicles takes into consideration their literary nature, as well as the historical configuration and journalistic circulation of a genre that has until recently been disregarded by the literary canon. Amidst the intricate forest of symbols woven by modernity, Machado's and Barreto's cities emerge.